



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 12, NÚMERO 2 | ABR. - JUN. 2023

<https://doi.org/10.47295/mren.v12i2.921>

ESTUDO SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO CARIRI COMO POSIÇÃO DISCURSIVA



STUDY ON THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT CARIRI AS A DISCURSIVE POSITION

ZÓSIMO MOTA QUEIROZ

MARIA ANGELICA DE OLIVEIRA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 03/06/2023 • APROVADO EM 22/06/2023

Abstract

The Cariri of Crato-CE preserve manifestations of ancestral culture and traditions despite the constant influence exerted by the coloniality process. The Cariri of Crato still face, like other indigenous peoples, expulsion from their lands and the non-recognition of their originating identity. In this context, this article proposes a reflection on the constitution of the Cariri subject and its relationship with the elements of Cariri knowledge and coloniality. With that in mind, this article aims to understand the constitution of the Cariri subject from the knowledge of ancestry and coloniality. To do so, we examine how this constitution occurs in the video *Os Cariri de Umari - From the old trunks to the new trunks*, organized by the Associação Indígena Cariri de Poço Dantas Umari (AICAPDU), examining these statements of the Cariri subject, highlighting the knowledge related to him. Based on the theoretical assumptions of discursive studies, with an emphasis on Foucauldian concepts, and decolonial studies, this article offers a discursive analysis of the constitution of the Cariri subject in Crato and how this construction is related to its identity.

Resumo

Os Cariri de Crato-CE preservam manifestações da cultura e tradições ancestrais apesar da constante influência exercida pelo processo de colonialidade. Os Cariri de Crato ainda enfrentam, assim como outros povos indígenas, a expulsão de suas terras e o não reconhecimento de sua identidade originária. Nesse contexto, este artigo propõe uma reflexão sobre a constituição do sujeito Cariri e sua relação com os elementos do saber Cariri e da colonialidade. Tendo isso em vista, este artigo tem como objetivo compreender a constituição do sujeito Cariri a partir dos saberes da ancestralidade e da colonialidade. Para tanto, examinamos como essa constituição ocorre no vídeo *Os Cariri de Umari - Dos troncos velhos para os troncos novos*, organizado pela Associação Indígena Cariri de Poço Dantas Umari (AICAPDU), examinando esses enunciados do sujeito Cariri, realçando os saberes a ele relacionados. Com base nos pressupostos teóricos dos estudos discursivos, com ênfase nos conceitos foucaultianos, e dos estudos decoloniais, o presente artigo oferece uma análise discursiva da constituição do sujeito Cariri em Crato e como essa construção está relacionada a sua identidade.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Coloniality of knowledge. Subject Cariri. Identity.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialidade do saber. Sujeito Cariri. Identidade.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Em constante busca pelo reencontro de sua identidade, os Cariri residentes em Crato-CE, a partir da Associação Indígena Cariri de Poço Dantas Umari (AICAPDU), anteriormente denominada Associação dos Índios Cariris do Poço Dantas-Umari, elaboraram significativo acervo de produções audiovisuais que abordam a temática ancestral Kariri/Cariri¹. A iniciativa ressalta o empenho da comunidade em preservar a própria identidade como povo originário a partir de reflexões e da promoção de depoimentos de seus integrantes e debates acadêmicos acerca da temática indígena.

Dentre as produções que reproduzem depoimentos dos Cariri do complexo de comunidades do Poço Dantas-Umari, destaca-se o vídeo *Os Cariri de Umari - Dos troncos velhos para os troncos novos*² por sua locução feita pela senhora Rosa Cariri, liderança feminina dos Cariri residentes em Crato-CE. O vídeo publicado em 05 de abril de 2021 possui seis minutos e vinte segundos de duração, registrando quatrocentas e quinze visualizações e quarenta e cinco curtidas até a redação do presente artigo.

¹ Quanto à inscrição Kariri com “K” e Cariri com “C”, por uma questão de organização das ideias e diferenciação entre os primeiros habitantes e os indígenas autodeclarados contemporaneamente, utilizamos, com a ciência que ambas as formas designam apropriadamente os integrantes das populações originárias aqui tratadas, o mesmo critério adotado por Melo (2020, p. 14) no qual os Cariri do presente e residentes em Crato são grafados com “C”.

² Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=6p_7V89pE4g&t=2s>. Acesso em: 13 de jun. de 2022.

Durante a narração, a locutora/enunciadora faz um relato sobre sua juventude e de seus pares, além de apresentar seus hábitos e lugares relevantes. Dona Rosa Cariri encerra sua narração contando como transmite esses saberes a filhos e netos. Considerando que nessa narrativa a enunciadora volta seu olhar para seus costumes e tradições. Compreendemos, pois, que essa narrativa é um espaço profícuo de análise quanto à presença ou não do discurso da ancestralidade e como esse se manifesta nos fios do texto.

De forma geral, a população não indígena que habita a região do Cariri só tem ciência do povo Kariri a partir de achados arqueológicos e de uma historiografia construída sob a ótica da colonialidade. Isso não impede que os habitantes do entorno do açude Umari se autodeclarem Cariri. A justificativa mais frequente desses indivíduos para essa identificação com uma etnia ancestral consiste, segundo remonta Melo (2020, p.229), no fato dessas pessoas terem antepassados também Kariri.

O reencontro dos Kariri/Cariri em Crato-CE com a ancestralidade tem como marco a visita, em 2007, como relata Nascimento (2021, p. 85) de uma pesquisadora Kariri, filha de pais Kariri do Ceará, nascida e residente no estado de São Paulo a qual também ajudou na articulação de comunidades Kariri em São Benedito e Crateús, como também registram Batista, Florencio e Nascimento (2022, p. 217-218). Antes da intervenção da referida pesquisadora³, muitos Cariri de Crato já se identificavam como pertencentes à etnia ancestral, mas o processo que se desenrola desde 2007 inicia, como aponta Nascimento (2021), o aparecimento político dos Cariri.

Iniciou-se, assim, uma articulação entre os habitantes de Poço Dantas-Umari para solicitação de apoio junto a instituições dos mais variados segmentos, busca de serviços à comunidade, reclamo por direitos advindos da identidade originária e organização de eventos com a temática ancestral, frequentemente em conjunto com comunidades Kariri de São Benedito e Crateús.

Com essas informações em mente, empenhamo-nos no sentido de refletir sobre a constituição do sujeito Cariri a partir de seus enunciados e dos saberes associados ao discurso Cariri. Logo, nossas análises estarão centradas mais precisamente no sujeito Cariri, condicionado por um conjunto de relações de saber/poder que impõem limites e possibilidades de seu discurso. Durante o percurso até nosso objetivo esperamos responder o seguinte questionamento: Como a constituição do sujeito Cariri se relaciona com os saberes da ancestralidade e da colonialidade, a partir de uma análise discursiva dos enunciados desse sujeito? Portanto, o presente trabalho presta, a partir de uma perspectiva discursiva, contribuições sobre a constituição discursiva do sujeito Cariri.

Este artigo tem como objetivo entender a constituição do sujeito Cariri a partir dos saberes da ancestralidade e da colonialidade possivelmente expostas nesses enunciados. Para tanto, na seção seguinte, apresentaremos o referencial teórico, no qual exploraremos as noções de sujeito e de saberes a partir de Michel Foucault, bem como a discussão sobre a colonialidade do poder de acordo com Quijano (2009). Em seguida, serão apresentadas as análises dos enunciados

³ Mesmo tendo conhecimento da identidade da pesquisadora ora citada, até por informações presentes em nossa bibliografia, por não termos solicitado pessoalmente, optamos por não a identificar em respeito ao desejo de não ser mencionada por ela manifestado em Nascimento (2021, p. 81).

presentes em nosso *corpus*, a fim de compreender como esse sujeito se constitui em relação aos saberes da ancestralidade e da colonialidade.

2. ABORDAGEM TEÓRICO-ANALÍTICA

Por muito tempo, os estudos históricos se resumiram à busca por uma verdade, acreditando-se que a civilização estava em curso a um patamar de completa satisfação, permeando a história como um *continuum* que, em algum momento, alcançaria uma forma ideal de humanidade. Para além dessa história unidimensional que persegue a ilusão da essência humana, Foucault (1996) propõe uma história calcada na descontinuidade. Privilegia-se, então, as microrrelações sociais, rompendo com a continuidade da história tradicional. Ainda sobre como Foucault entende a história, ele diz:

A história ensina também a rir das solenidades da origem. A alta origem é o 'exagero metafísico que reaparece na concepção de que no começo de todas as coisas se encontra o que há de mais precioso e de mais essencial': gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sombra da primeira manhã. (FOUCAULT, 1998, p.18)

Essa mudança na perspectiva histórica se relaciona diretamente com a maneira de se debruçar sobre o documento. Tradicionalmente prova do passado, o documento, sob essa luz, parecia-se com o monumento, alargando o conceito, afinal, "a história é o que transforma os documentos em monumentos" (FOUCAULT, 2008, p.08). Ou seja, para a história tradicional, considera-se o documento como fonte formal, "neutra" e objetiva, quase inquestionável, sendo um monumento. Enquanto isso, para Foucault, o documento equivale aos registros materiais de práticas sociais, passíveis de análise, que permitem entender as condições de produção de um determinado discurso. O monumento, assim, configura-se como construção histórica, produto da vontade de verdade dominante, moldando e consolidando a forma como os indivíduos percebem a realidade.

Essa perspectiva dos conceitos tem como consequência considerar o documento não apenas escrito, mas também, entre outros, ilustrado, transmitido por som e/ou por imagem, como bem aponta Le Goff (1990, p,546). Em nosso caso, utilizaremos o vídeo *Os Cariri de Umari - Dos troncos velhos para os troncos novos* como documento apto a desvelar as atuais condições de produção do discurso Cariri.

Discutidas as definições de história e documento que utilizaremos no presente artigo, passamos a apresentar os demais conceitos que suportam nossa fundamentação teórica. Antes de debatermos sobre a relação estabelecida entre discurso e sujeito vale indicarmos algumas noções sobre ambos os conceitos. Aqui, o suporte teórico consistirá na perspectiva foucaultiana que, mais que traçar um conceito fixo sobre o sujeito, questiona algumas noções preestabelecidas dessa

noção, delineando a constituição desse conceito a partir das relações de saber/poder que engendram a sociedade e percebendo-o como construção histórica e social.

Da leitura de Foucault (2008, p.105), depreendemos que o sujeito consiste em função determinada, que pode ser considerada como vazia, mas que também é variável. Em outras palavras, o sujeito não consiste em organização imutável, mas sim uma construção fluida que se dá em função de determinados discursos e práticas. Dessa forma, a constituição do sujeito não se realiza por uma essência inata ou natural, mas sim por meio de um processo histórico e cultural de subjetivação, que se molda por relações de saber/poder/verdade e por práticas discursivas que operam sobre ele.

Constante em nossos estudos, assim como depreendemos de KRENAK (1999, p. 25-26) e LUCIANO (2022, p. 325), a noção de ancestralidade se refere ao conjunto de conhecimentos, valores, práticas e expressões culturais transmitidas de geração em geração que estabelece uma conexão com as origens e os antepassados das comunidades originárias. A noção de ancestralidade também nos reporta ao legado deixado pelos antepassados no que diz respeito aos saberes tradicionais, que perduram por meio de mecanismos como a oralidade, mitos, rituais, cerimônias e práticas culturais.

A ancestralidade desempenha papel fundamental na preservação da identidade coletiva, fornecendo referências históricas, simbólicas e espirituais que fortalecem a coesão social e a continuidade cultural. Ela abrange não apenas os aspectos materiais e imateriais da cultura, mas também os valores, crenças e cosmovisões compartilhados pela comunidade. A ancestralidade também está intrinsecamente ligada ao território, uma vez que muitas práticas e saberes permanecem enraizados em lugares específicos e em interações com o ambiente natural. Por meio da ancestralidade, as comunidades originárias reencontram e reafirmam sua identidade ancestral, resistem às pressões externas e se adaptam às atualizações contemporâneas, mantendo uma continuidade cultural e promovendo a valorização de suas heranças ancestrais. Portanto, podemos sustentar que a subjetivação inclui um processo em que o saber, as práticas e a identidade são moldados dentro de um contexto histórico específico e estão intimamente ligados à formação da memória.

Relacionando-se diretamente à ancestralidade, a memória consiste em elemento essencial da identidade (LE GOFF, 1990, p. 410). A memória é arrazoada por Foucault (2008) ao discorrer sobre o domínio associado do enunciado. Este se refere à exigência de o enunciado estar ligado ao espaço colateral constituído por outros enunciados que permitem o contexto. Assim, o enunciado constantemente se reporta e atualiza outros enunciados, desenvolvendo “relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual.” (FOUCAULT, 2008, p.110-112). Compreendemos que a perspectiva de Le Goff (1990) sobre a memória complementa e amplia a abordagem de Foucault (2008). Enquanto este destaca a memória como processo discursivo, aquele enfatiza a dimensão social e cultural. Para Le Goff (1990), a memória envolve a interação entre indivíduos e a sociedade em que estão inseridos, desempenhando função fundamental na construção da identidade e da história. Assim, a abordagem de Le Goff engloba tanto a dimensão individual quanto a dimensão coletiva do conceito.

No caso dos Cariri, a memória equivale ao fio condutor que preserva as vivências, conhecimentos e narrativas dos antepassados, transmitindo a herança cultural através das gerações. Nesse sentido, a memória coletiva se revela como um dos fatores que mais contribui para manutenção das identidades. Podemos reforçar isso nas palavras de Castells (2004) quando diz: “La construcción de las identidades utiliza materiales de la historia, la geografía, la biología, las instituciones productivas y reproductivas, la memoria colectiva y las fantasías personales, los aparatos de poder y las revelaciones religiosas.” (CASTELLS, 2004, p.29).

Como lugar discursivo, o sujeito se forma da história e da memória coletiva. Pensamos que o sujeito se constrói pelas relações de saber/poder que emergem entre diferentes discursos. O sujeito se delinea pelas práticas discursivas, saberes e relações de poder, que concebem formas de subjetividade, estabelecendo o que é normal e o que não é, dentro dos discursos dominantes. Podemos, então, dizer que a produção de sentidos, como ocorre na obra Cariri *Os Cariri de Umari - Dos troncos velhos para os troncos novos*, acontece por meio de discursos que apontam as funções que devem ser desempenhadas pelo sujeito Cariri.

Veiga-Neto (2007, p.44) sobre isso discute que: “Assim, para Foucault, o sujeito moderno não está na origem dos saberes; ele não é o produtor de saberes, mas, ao contrário, ele é um produto dos saberes. Ou talvez, melhor, o sujeito não é um produtor, mas é produzido no interior de saberes.”

As relações de poder permitem que os discursos emerjam e sejam revistos em diferentes momentos e espaços, atualizando-se constantemente. Intimamente ligados às consequências desencadeadas pelas relações de poder, os saberes circulam, confrontam-se, negam-se, retificam-se e ratificam-se a partir das vontades de verdade existentes no regime de verdade de cada formação social. A produção discursiva ratifica os saberes alinhados com as vontades de verdade dominantes e estabelecem a verdade, ao tempo que também marginaliza e silencia os saberes que se opõem ou questionam essas vontades de verdade dominantes, produzindo outras verdades.

Ainda dentro da noção de poder, destacamos o fenômeno advindo da modernidade eurocêntrica, a colonialidade do poder, noção bastante trabalhada por Quijano (2009) que descreve como o poder na América Latina e em outras regiões colonizadas foi influenciado pela lógica colonial e pelo racismo, resultando em um sistema de opressão que se perpetua mesmo após o fim da colonização formal. Esse conceito abrange a dimensão econômica, política e cultural da opressão colonial, incluindo os elementos raciais e de gênero, a exploração dos recursos naturais e a tentativa de se impor uma única visão de mundo e de conhecimento.

Castro-Gomez (2007), valendo-se dos estudos de Immanuel Wallerstein, especialmente da construção da noção de sistema-mundo, enfatiza que a teoria de Foucault não leva em consideração a dimensão da colonialidade do poder, ou seja, a forma como a exploração e a dominação colonial continuam a moldar as relações de poder contemporâneas, mesmo após a independência política das antigas colônias. Ainda assim, o filósofo colombiano demonstra que a partir dos estudos foucaultianos sobre o poder se observa que as análises molares – que só levam em consideração estruturas macroscópicas - correm o risco de ignorar os microssistemas que operam no nível do corpo e dos afetos, privilegiando tendências seculares e mudanças de longa duração. Assim, Castro-Gomez (2007) demonstra

através dos conceitos foucaultianos os efeitos da colonialidade do poder por sua potência micropolítica e molecular que se comunica entre si antes de reverberar em grandes estruturas macropolíticas.

Além das noções de sujeito, saber, poder e verdade, cabe ainda comentarmos sobre o conceito de enunciado, que auxiliará o entendimento de nossas análises realizadas a partir de enunciados retirados do vídeo *Os Cariri de Umari - Dos troncos velhos para os troncos novos*. O enunciado, como pondera Foucault (2008), não se confunde com uma proposição, uma frase ou um ato de fala. Ainda, segundo Foucault (2008, p. 91), o enunciado não pode ser uma proposição porque dois enunciados podem ser “indiscerníveis do ponto de vista lógico”. Igualmente, o enunciado não obedece necessariamente iguais “critérios que permitem, em uma língua natural, definir uma frase aceitável ou interpretável.” (FOUCAULT, 2008, p.93). De semelhante modo, o enunciado não consiste no ato de fala posto que, como ainda fala Foucault (2008, p.94), necessita-se frequentemente de mais de um enunciado para se efetuar um ato de fala, por exemplo, como se pode observar em preces e contratos.

O enunciado consiste em elemento fundamental para a formação do discurso. Nesse sentido, o conceito de enunciado nos auxilia a compreendermos a produção de sentidos e a relação entre sujeito e saberes correlatos no discurso de ancestralidade. Foucault (2008, p.122) entende o discurso como o “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação”, ou seja, numa mesma formação discursiva que consiste num princípio de dispersão e de repartição dos enunciados. O conceito de discurso tem posição central em nossa análise, pois, a partir dele, podemos compreender a produção de sentidos e a relação entre sujeito e saberes correlatos no discurso de ancestralidade. Segundo Foucault (2008), o discurso consiste em prática que permite a produção de enunciados que circulam em uma dada formação discursiva, que consiste em conjunto de regras de formação, funcionamento e transformação dos discursos.

Assim, podemos entender que o discurso de ancestralidade do sujeito Cariri se constitui por uma série de enunciados que se relacionam e produzem sentidos a partir das regras que regem essa formação discursiva específica. No caso, os enunciados que remetem ao passado quando, ausentes as tecnologias que chegaram depois, como no caso da energia elétrica, as pessoas se divertiam juntas, contando histórias, brincando com brinquedos produzidos artesanalmente, nadando no rio e pescando. Constantemente há a defesa da união na família e entre os pares, inclusive, na repartição de recursos. Destacaram-se também os enunciados que evidenciam a regularidade da ideia de que os saberes devem se perpetuar nas futuras gerações, ressalta-se as tradições do passado como componente da educação dos/das jovens. A análise desses enunciados e da forma como se relacionam no discurso de ancestralidade nos permite compreender como o sujeito se constitui enquanto sujeito construído a partir das relações de saber.

Dito isso, cabe discutir o que pode ser o enunciado. Podemos dizer, baseados nos conceitos de discurso e formação discursiva anteriormente comentados, que o enunciado consiste numa função de existência para a proposição, a frase e o ato de fala. O enunciado percorre não somente o material, como também o linguístico, não existindo isoladamente, por se tratar de uma função de existência, mas coexistindo e se relacionando com outros enunciados. Sobre o enunciado, Foucault (2008) diz:

Mais que um elemento entre outros, mais que um recorte demarcável em um certo nível de análise, trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não. O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). (FOUCAULT, 2008, p.98).

Ao comentar sobre a função enunciativa, Foucault (2008) associa quatro propriedades do enunciado. Essas propriedades distinguem o enunciado dentro da materialidade do texto, sendo elas: referencial, campo associado, existência material e a posição de sujeito. Esta última concentraremos nossas considerações por se tratar da propriedade que mais nos interessa nesse trabalho.

O sujeito, da forma pensada em Foucault (2008, p.107), não designa o núcleo “de uma série de operações que os enunciados, cada um por sua vez, viriam manifestar na superfície do discurso.” O sujeito, nessa perspectiva, como já mencionamos anteriormente, consiste em posição vazia, passível de ser ocupada por diferentes indivíduos, assim como também corresponder a várias posições ocupadas por um mesmo indivíduo. Vejamos as considerações de Foucault (2008) sobre o sujeito:

É absolutamente geral na medida em que o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos. (FOUCAULT, 2008, p.105).

Seguindo esse raciocínio, podemos defender que no vídeo *Os Cariri de Umari - Dos troncos velhos para os troncos novos*, a senhora Rosa Cariri produz enunciados que são efeitos da articulação de diferentes práticas discursivas. Essas práticas, por vezes ignoradas pela locutora/enunciadora, atravessam o enunciado por ela produzido, que não tem origem em sua individualidade, mas é produzido a partir das relações de poder e saber que constituem a formação discursiva na qual ela está inserida.

Relacionado com a ideia de sujeito, mas não se confundindo com ela, o conceito de identidade se refere à unidade e continuidade de um grupo ao longo do tempo. Dada a proximidade entre ambas as noções, podemos inferir que a identidade do sujeito se constrói a partir das práticas discursivas e sociais, não sendo inata ou imutável. Outrossim, a identidade do sujeito é construída e reconstruída através das relações de poder e de múltiplas formas de controle. A identidade, assim, corresponde em categorização que pode estabelecer a unidade e continuidade do grupo ou excluir os indivíduos que não se enquadram nessa categoria. Nesse diapasão, Hall (2006) discute sobre o declínio das antigas identidades que estabilizavam o mundo social, fenômeno que fragmentou o indivíduo moderno, que até então era concebido como um sujeito unificado.

Essa fragmentação resulta de um processo histórico, social e político que deslocou o indivíduo de sua posição estável em relação ao mundo e aos outros, exposto e suscetível a diferentes influências culturais e discursivas. Dessa forma, o sujeito deixa de ser percebido como uma entidade fixa e unificada, mas como construção instável, que se forma e se transforma a partir das diferentes posições que ocupa nos diferentes discursos. A posição de sujeito, portanto, consiste em posição relacional, que permanece em constante transformação e que se molda a partir das relações de poder que estruturam o campo social. Defendendo que o fator que provocou esse deslocamento do sujeito, resumidamente, a “globalização”, Hall (2006) pormenoriza historicamente a transformação do sujeito até o sujeito pós-moderno, sobre este sujeito fala o sociólogo jamaicano:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p.13).

A partir daí projetamos a relação entre discurso, sujeito e identidade, pois depreendemos que a identidade não consiste num conceito estático e que os discursos também permanecem em constante dinamismo. Afinal, “As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 2000, p. 112). Práticas discursivas que, segundo Foucault (2008), compõem o discurso.

Neste artigo, analisamos o sujeito Cariri, evidenciando sua identidade. A partir do *corpus*, buscamos compreender os efeitos de sentido expressos pelo sujeito em questão, considerando suas condições de produção. Nosso *corpus* fora extraído, como antes comentado, do vídeo *Os Cariri de Umari - Dos troncos velhos para os troncos novos*, no qual a enunciadora conta memórias de sua juventude e aproxima essas vivências com a transmissão de seus saberes para filhos e netos. Analisaremos a constituição do sujeito a partir da interpretação e comparação dos enunciados que possam nos remeter a formações discursivas pertinentes ao discurso de ancestralidade.

3. EXPLORANDO OS FIOS DO TEXTO CARIRI: CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E SABERES ENVOLVIDOS

Na seção anterior abordamos conceitos-chave para a compreensão do objeto de análise, como identidade, saber/poder, discurso e sujeito. Esses conceitos foram abordados à luz dos estudos foucaultianos do discurso. Partimos da proposta de uma história calcada na descontinuidade, que rompe com a continuidade da história tradicional e privilegia as microrrelações sociais. Para analisar as atuais condições de produção nas quais o sujeito Cariri se insere, selecionamos o vídeo *Os Cariri de Umari - Dos troncos velhos para os troncos novos* como documento a ser investigado. Enfatizamos também como a identidade se constrói a partir das práticas discursivas e sociais, e como o saber/poder permeia essas práticas, articulando as relações sociais e influenciando a constituição dos sujeitos. Com base nesses conceitos, passamos à exploração dos discursos presentes na produção audiovisual mencionada anteriormente, com o objetivo de identificar os saberes que permeiam tais práticas e suas implicações na constituição do sujeito Cariri.

Com essa percepção, analisamos como ocorre a constituição discursiva do sujeito Cariri no documento/monumento audiovisual supracitado. Nossa escolha é consequência de corroborarmos com o entendimento de que uma produção audiovisual corresponde a lugar de criação de discursos e práticas sociais que influenciam e moldam as identidades individuais e coletivas a partir das relações de saber/poder e produção de sentidos. Isso ocorre em decorrência da representação e seleção de determinados temas, narrativas e perspectivas presentes no texto. No vídeo ora mencionado, os saberes ancestrais se disseminam, estabelecendo relações de poder e promovendo a interação entre diferentes discursos. Realçamos em nossas análises os elementos do saber ancestral e das relações de poder que são mobilizados na construção do sujeito Cariri.

No caso dos Cariri residentes no complexo de Umari, mais recentemente a pesquisa acadêmica vem se direcionando no sentido de reconstituir a história, levando em consideração a memória dos habitantes locais. Vemos esse movimento em pesquisas como Batista, Florêncio e Nascimento (2022), Melo (2020) e Nascimento (2021) que, ao serem compartilhadas não apenas com a academia e instituições formais, como também com a própria comunidade, fortalecem o senso de pertencimento dos Cariri a sua identidade.

Entre os povos nativos, certamente a forma mais comum de se conservar sua memória era a partir da oralidade. Com isso, assim como Kambeba (2018, p.40) “Não quero dizer aqui que a prática da oralidade tenha se cristalizado no tempo. Essa prática ainda é usada, pois é parte integrante da cultura em movimento”. Prova disso é que, mais recentemente, as contações e relatos de lideranças Cariri são gravadas e publicadas em redes sociais e plataformas audiovisuais.

No caso do audiovisual *Os Cariri de Umari - Dos troncos velhos para os troncos novos*, publicado em 2021, a senhora Rosa Cariri narra algumas de suas lembranças e liga essa narrativa com seus filhos e netos. Como a legenda da produção antecipa, ela tem por finalidade a:

[...] disseminação de suas histórias em múltiplos espaços e múltiplas camadas, que vão desde uma troca de saberes intergeracional dentro da própria comunidade, a uma demarcação de sua existência e presença perante a região do Cariri, bem como um reconhecimento de sua resistência para além território.⁴

Não transcreveremos integralmente a narrativa presente na obra audiovisual em razão da extensão desse trabalho, detendo-nos às sequências discursivas (doravante SD) que consideramos mais atravessadas pelo discurso ancestral. Iniciamos com as primeiras falas da liderança Cariri:

SD01: Tem muita gente eh... até mais véi de que eu e... e mais novo que não acha bom, né? 'Eu lá falo! Eu nem gosto de, de, de falar. Eu nem gosto de lembrar desse passado que foi ruim demais. Deus me livre! Eu nem gosto de lembrá.' Aí eu digo assim: 'Pois eu gosto sim de... de lembrar.' E lembro e quem pedir para mim contar, eu conto.

Notamos que o sujeito da enunciação antagoniza seu desejo de falar sobre o passado com a negativa de outros habitantes de Poço Dantas - Umari de quem se esperaria o mesmo compartilhamento dessa posição, mas se furtam de comentarem sobre as mesmas vivências. Posição aparentemente contraditória, posto que "A palavra é, para os povos indígenas, um objeto de arte, pois ela representa a imagem guardada na memória de saberes." (KAMBEBA, 2018, p.43). Isso prova que o sujeito não é homogêneo, pois o tempo, o espaço e sua identidade permanecem em constante dinamismo.

Percebemos também que a geração não é fator para dividir essas subjetivações já que se trata de "gente [...] mais véi [...] e mais novo". Os verbos correlatos falar, lembrar e contar evidenciam a significância das narrativas para o sujeito Cariri, pois por meio dessas ações ele estabelece uma conexão direta com sua história, suas raízes e sua identidade. Esses verbos realçam as narrativas como elementos da construção e preservação da identidade do sujeito Cariri, reforçando ainda como componente a memória. Depreendemos daí uma identidade marcada por uma formação discursiva de resistência baseada na oralidade, na contação de histórias, na rememoração. Nesse sentido, encontramos um paralelo com Duarte e Duarte (2023, p. 254) ao dizer que em comunidades que estão fora dos grandes centros urbanos encontramos a circulação das memórias do passado, o desejo de compartilhar experiências coletivas e a preservação da herança cultural.

Os fatos dos quais se fala estão num lapso temporal determinável. Entendemos isso em "nem gosto de lembrar *desse* passado." (grifo nosso). Tempo esse que se encontra anterior aos eventos de 2007 que deram início ao reencontro com a identidade Cariri. A contação de narrativas, todavia, tem um requisito: necessita de um ouvinte que peça a ação, conforme se percebe na condicionante

⁴ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=6p_7V89pE4g&t=2s>. Acesso em: 13 de jun. de 2022.

“quem pedir para mim contar, eu conto”. Acreditamos que essa condição seja reflexo do processo de silenciamento dos povos originários no Ceará como aponta Nascimento (2021, p. 33-36). Silêncio, que para além da colonialidade do poder, tratou-se de um processo de violência tão acentuado que por vezes inviabilizou a resistência ao discurso da colonialidade e formações discursivas afins. Esse fenômeno coaduna com concepção de poder sustentada por Foucault (1995, p. 244) como exercício que só pode ser realizado por “sujeitos livres” que possuem um campo de possibilidades para seus comportamentos e reações, diferentemente da coerção e da violência infligida aos Cariri.

Notamos a diminuta margem para diferentes modos de comportamento a qual os Cariri até poucos anos tiveram desde a época dos aldeamentos quando lembramos dos ciclos migratórios aos quais foram submetidos e das sucessivas perdas de terras até hoje recorrentes. Mesmo processo tem por indícios a acentuada marginalização social que, assim como expõe Batista, Florencio e Nascimento (2022, p. 208-209), tornou restritas as estratégias de resistência como a obrigatoriedade de esconder o sobrenome que, assim como pode ser considerada como tática de sobrevivência também pode ser vista como efeitos do poder da colonialidade que visa o silenciamento do sujeito e negação de sua identidade.

Ainda a partir da SD01 constatamos que um fio que liga resistência, ancestralidade, identidade e sujeito Cariri se encontra na contação de histórias. Nesse mesmo timbre, em Duarte e Duarte (2023, p. 276) podemos perceber a relevância das narrativas para a resistência dos Cariri posto que, assim como relatam os autores, as narrativas orais dos moradores do Cariri cearense indicam que os contos locais têm como antecedentes os povos ancestrais da região. Então, o enunciado que analisamos se relaciona com outros, como aborda Foucault ao refletir que:

Não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. [...] Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis. Se se pode falar de um enunciado, é na medida em que uma frase (uma proposição) figura em um ponto definido, com uma posição determinada, em um jogo enunciativo que a extrapola. (FOUCAULT, 2008, p.112).

Também se referindo diretamente às narrativas Cariri, em SD02 lemos: “A gente sentava numa roda de conversa. [...] Aí a gente fazia um fogo no meio do terreiro. Aí as mãe da gente ficava contando história para gente.”. No caso, o sujeito reforça o quanto as narrativas representam um forte traço identitário posto que se “ficava contando história”, quase uma metanarrativa na qual a partir da contação da própria história o sujeito engloba outras narrativas explicando como eram contadas.

Localizando-se no passado, como se evidencia pelos verbos no pretérito imperfeito, a contação de histórias consiste, tradicionalmente, em prática que obedece a um ritual de se sentar ao redor do fogo para só então poder ser iniciada. Neste ponto fazemos coro a vasta bibliografia trazida por Duarte e Duarte (2023, p. 275) para afirmar que durante a contação de histórias o passado e o presente se encontram e ocorre uma contemplação do futuro na qual há a produção de sentidos entre narrativa e escuta.

A posição de sujeito Cariri também se consolida nos costumes, brincadeiras, artesanato. Vemos isso na seguinte SD03: “Tinha um cavalete que eh... os pai da gente fazia que era tipo um carrossel. Que torava o pau e aí fazia tipo um torno, aí colo... aí cavava um buraco no outro pau, aí botava, aí colocava calvão, aí ele ficava rodando e rigindo.” Observamos que a prática de brincar não é por si a única que compõe o processo identitário. Há pormenorização de todo o processo de manufatura do brinquedo pela figura paterna até estar pronto para uso.

A evocação constante das figuras paterna e materna demonstra uma formação discursiva familiar que também atravessa o discurso Cariri. Isso nos remete diretamente aos dados anteriormente referenciados levantados por Melo (2020, p.229-230) quando os residentes do complexo Poço Dantas–Umari declaram majoritariamente que se consideram Cariri por terem antepassados, pais ou avós também Cariri.

Outro ponto indissociável da identidade Cariri que reflete em sua posição de sujeito se refere ao apego para com o território, como bem defende Nascimento (2021). Em nosso *corpus* se evidencia essa ligação em:

SD04: Antigamente nós andava por esse rio, pegava uma landuazinho e saia pescando pra fazê o tempero da gente. E pra podê consegui a mãe da gente comprá uma roupinha pra gente, tinha da gente caçá macaúba. Inda lembro da gente caçava, os dono dos pés ficava brigando. A gente tirava escondido.

Ainda sobre SD04 em questão, observa-se sua relação com outros discursos sobre a relação entre identidade Cariri e o território. O segmento “nós andava por esse rio” se relaciona com vários outros enunciados, como podemos observar em Nascimento (2021, p.68-74) que compôs uma série de relatos dos moradores de Poço Dantas-Umari, integrando um jogo enunciativo, dispondo-se num domínio associado. Esses enunciados convergem para um acontecimento discursivo, as obras de transposição do Rio São Francisco que se mostraram marcantes como relata Nascimento:

Os relatos sobre a chegada e os impactos do CAC⁵ são destacados tanto com relação a descaracterização dos lugares, como a destruição dos meios de subsistência até então adotados. Por ser uma grande obra que depende de volumosos recursos públicos, a continuidade do CAC é muito suscetível ao contexto sociopolítico

⁵ Cinturão das águas do Ceará – Conjunto de obras hidrográficas do governo do estado do Ceará que compõem o Projeto de Integração do Rio São Francisco (PISF), do governo federal.

do estado e do país, o que acaba gerando descontinuidades da sua construção, gerando um contexto de insegurança e incerteza sobre como ficará a situação dos Cariri em meio ao desenvolvimento da obra. (NASCIMENTO, 2021, p.70).

Na SD05 “Aí tem uma fruta também por nome de momona que faz óleo dela. Aí nós ia torá muita momona que era pra minha tia fazê óleo que era para vender para poder comprá uma roupa pra nós.” podemos destacar, ainda, a relação com outros enunciados. Percebemos que a SD05 se situa dentro de um jogo enunciativo econômico de subsistência. Afinal, a pesca e o extrativismo vegetal ainda se fazem presentes no cotidiano dos habitantes do Poço Dantas-Umari e são constituintes de sua identidade como indica Melo (2020, p.230).

Já demonstramos que elementos dos saberes geracionais, econômicos e de território compõem a posição de sujeito Cariri. Destacamos que outro elemento a ser levado em conta nessa construção consiste exatamente na transmissão desses saberes, como podemos visualizar na SD06 “Eu tô... os meu neto tá estudando. Aí eu vou repassando para eles, né? Eu gosto de, de amostrar era o que eu fazia antigamente.” Notamos que a transmissão de saberes através das histórias e do artesanato antes conferidas ao pai e à mãe agora são de responsabilidade do sujeito que deve transmitir os mesmos saberes às próximas gerações (netos). Isso fica nítido com os verbos no gerúndio “estudando” e “repassando” marcando o processo de legar o discurso de ancestralidade Cariri.

Na SD07 “Eu criei os meu como a minha mãe me criou. Eh... Criei meus filho unido para que eles tudo que comesse dentro de casa, ser repartido.” ressaltamos que o sujeito, além de se respaldar num território, num tempo e na transmissão de saberes, percebe a identidade baseado em uma consciência de si que é evidenciada pelo verbo na primeira pessoa “criei” e também numa dimensão coletiva, fruto de um sentimento de solidariedade, que emerge do pronome indefinido “tudo” e do verbo no particípio “repartido”.

Entendemos que a memória não pode ser somente individual porque, como bem afirma Halbwachs:

[...] quando um homem entra em sua casa sem estar acompanhado de alguém, sem dúvida durante algum tempo ‘esteve só’, segundo a linguagem comum. Mas lá não esteve só senão na aparência, posto que, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e seus atos se explicam pela sua natureza de ser social, e que em nenhum instante deixou de estar confinado está dentro de alguma sociedade. (HALBWACHS, 1990, p.36).

Percebemos que a memória figura como elemento que identifica o sujeito Cariri e reforça os dispositivos que sustentam seu discurso em meio às relações de saber/poder. A memória vem à superfície a partir de acontecimentos discursivos, como os eventos da primeira década do século XXI que desembocaram no aparecimento político dos Cariri em Crato, promovendo e fortalecendo o reencontro

com a identidade originária, ou nas obras do CAC que desalojaram muitos indivíduos de seus territórios. O enunciado indica que o sujeito Cariri, para compor seu discurso, utiliza-se de elementos da territorialidade, da economia, da família, dos costumes e da transmissão de saberes.

Ao analisarmos a importância das narrativas para o sujeito Cariri, evidenciamos sua conexão direta com a história e a identidade dos Cariri. Observamos uma margem pequena para o exercício do poder em face das frequentes violências sofridas pelos povos originários no Ceará nos últimos séculos, ao tempo em que há, dentro dessa margem, uma formação discursiva de resistência baseada na oralidade, na contação de histórias e na rememoração, revelando um sujeito conectado com as experiências coletivas e a preservação da herança cultural. Nesse contexto, as narrativas orais se revelam como um fio condutor que une ancestralidade, identidade e resistência dentro do mesmo sujeito, estabelecendo um diálogo com outros enunciados e inserindo-se em um jogo enunciativo que extrapola o próprio ato de narrar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos compreender o sujeito Cariri como posição discursiva a partir da análise dos discursos presentes no documentário *Os Cariri de Umari - Dos troncos velhos para os troncos novos*. Para tanto, exploramos conceitos-chave como identidade, saber/poder, discurso e sujeito, à luz dos estudos foucaultianos do discurso.

Ao romper com a continuidade da história tradicional, adotamos a partir de nossos pressupostos teóricos uma perspectiva de descontinuidade que valoriza as microrrelações sociais. Ponderamos, assim, que a identidade se constrói por meio das práticas discursivas, sendo o saber/poder um elemento central nessas práticas, influenciando a constituição do sujeito.

A análise dos enunciados presentes no documentário demonstrou a complexidade da constituição discursiva do sujeito Cariri. Observamos que o sujeito tem a inclinação de rememorar o passado, todavia a atitude não se configura de forma harmônica em relação a todos os habitantes de Poço Dantas - Umari que se recusam a compartilhar as mesmas vivências. Essa aparente contradição ressalta a heterogeneidade do sujeito, cujo tempo, espaço e identidade estão em constante dinamismo. Também interpretamos esse fenômeno como efeito da colonialidade do poder que visa silenciar e negar a identidade ancestral desse sujeito.

A contação de histórias emerge como um elemento central na construção e preservação da identidade do sujeito Cariri. Os elementos discursivos observados evidenciam a importância das narrativas como forma de estabelecer uma conexão direta com a história, a ancestralidade e a identidade. Essas narrativas protagonizam a resistência do sujeito Cariri, baseadas na oralidade e na rememoração, transmitindo saberes ancestrais referentes a territorialidade, subsistência, economia, família, costumes e transmissão de saberes.

No entanto, como já nos havia indicado a marcação do sujeito ao enunciar que nem todos os Cariri compartilham das próprias vivências, evidenciando sua

heterogeneidade, percebemos que o processo de silenciamento dos povos originários no Ceará tem impactos no assujeitamento através da contação de histórias. Isso nos ficou mais evidente quando o sujeito Cariri condiciona a ação de contar histórias à solicitação do ouvinte. Logo, a prática se mostra reativa quando se esperava ser proativa, refletindo o processo de violência e coerção estrutural imposto aos Cariri, que limitou suas estratégias de resistência, por vezes tornando-as inviáveis.

A análise também revelou a relação estreita entre o sujeito Cariri e o território. Vinculados a seu território, os Cariri encontram na pesca, na coleta vegetal e em outras práticas econômicas de subsistência uma expressão de sua identidade. Além disso, a transmissão de saberes também desempenha um papel fundamental na constituição do sujeito Cariri, sendo que a posição de sujeito Cariri se refere diretamente à responsabilidade de se repassar esses saberes às próximas gerações.

A memória figura como elemento significativo na construção do sujeito Cariri como posição discursiva e reforça os dispositivos que sustentam seu discurso. Eventos como as obras do CAC ressaltam o processo de violência que inviabilizava a resistência desse sujeito à colonialidade do poder e os recentes movimentos de resistência e re-existência que estão fomentando o discurso Cariri dentro das relações de poder que o atravessam. Intrinsecamente ligado a esse processo, o aparecimento político dos Cariri em Crato reaviva a memória e fortalece o reencontro com a identidade originária, reinaugurando lutas antes interrompidas pela opressão da colonialidade e irrompendo novas demandas advindas da atualização do sujeito e de seu contexto sócio-histórico.

O sujeito Cariri se constitui a partir de uma multiplicidade de elementos discursivos, como territorialidade, subsistência, economia, família, costumes e transmissão de saberes. Este sujeito também se encontra intimamente ligado à ancestralidade, à oralidade, à memória e ao compromisso com a resistência, refletindo uma luta constante e que se intensifica contra a violência, o silenciamento e a negação advindos do discurso da colonialidade. Assim sendo, “Dos Troncos Velhos para os Troncos Novos”, os Cariri perpetuam sua(s) identidade(s).

Referências

BATISTA, V. L. R.; FLORENCIO, T. A. L.; NASCIMENTO, F.J.S. **Fôlegos Vivos**: os Cariri do Cariri re-existem. In: MIRANDA, Claudia; PAIM, Elison Antonio; ARAÚJO, Helena Maria Marques. (Org.). Em busca de histórias outras: perspectivas decoloniais na América Latina. 1ed. Curitiba: Was Edições, 2022, v. 1, p. 207-238.

CASTELLS, M. **La era de la información**: Economía, Sociedad y Cultura. Volumen 2. El poder de la identidad. México D.F. Delegación Coyoacán: Siglo Veintiuno Editores, 2004.

CASTRO-GOMEZ, S. **Michel Foucault e a colonialidade do Poder**. Bogotá – Colombia: Tabula Rasa. Nº 6: 153-172, janeiro-junho, 2007.

DUARTE, R. G.; DUARTE, L. F. G. Tradição e oralidade: os contos populares como marca da identidade do Cariri/ CE. **Revista Mosaico**, Rio de Janeiro, 2023, v. 15, n. 23, p. 252-281.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 7 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad.: Manoel Barros da Motta. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad.: Laurent Léon Schaffter. 2 Ed. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, T. T. da. (Org.). Tradução Tomaz Tadeu da Silva. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KAMBEBA, M. W. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: DORRICO, J; DANNER, L. F., CORREIA, H. H. S., DANNER, F. (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

KRENAK, A. **O eterno retorno do encontro**. In.: NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Funarte, Companhia das Letras, 1999.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

LUCIANO, G. J. dos S. **Saberes indígenas e resistência linguística**. In: MATOS, Doris; LANDULFO, Cristiane. (Org.). *Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras*. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2022, v. 1, p. 323-331.

MELO, J. P. P. **Os Kariri: identidades e direitos**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020.

NASCIMENTO, F. J. S. **O aparecimento político e o repertório de lugares dos Cariri de Poço Dantas-Umari, Crato - Ceará**. 2021. 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

QUIJANO, A. **Colonialidade do Poder e Classificação Social**. In.: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.

Para citar este artigo

QUEIROZ, Z. M.; OLIVEIRA, M. A. de. Estudo sobre a constituição do sujeito cariri como posição discursiva. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 12, n. 2, 2023, p. 1-18.

Os autores

ZÓSIMO MOTA QUEIROZ possui graduação em Direito pela Universidade Regional do Cariri (2010) com especialização em Direito das Famílias pela mesma Universidade Regional do Cariri (2012). Possui graduação em Letras pela Universidade Regional do Cariri. Atua como Assistente de Alunos do Instituto Federal do Ceará - campus Crato.

MARIA ANGELICA DE OLIVEIRA possui graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1997), especialização em Leitura e Produção de Textos (1998); mestrado em Letras (2001); doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2005); pós-doutorado em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (2021). Atualmente é professora titular da Universidade Federal de Campina Grande. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, em Língua Francesa, em Análise de Discurso e em Educação Linguística Antirracista.